
A Bíblia em tradução e a experiência de Franz Rosenzweig

Maria Clara Castellões de Oliveira

Resumo

Neste artigo, forneço uma visão panorâmica de aspectos envolvendo as principais traduções da Bíblia para as línguas grega, latina, inglesa e alemã. Em seguida, abordo o pensamento de Franz Rosenzweig sobre a tradução de textos bíblicos, construído em função do desempenho de tal tarefa em parceria com Martin Buber. Abordo também algumas das estratégias tradutórias por ele utilizadas, que o colocam em sintonia com uma prática tradutória que, na Alemanha, foi inaugurada por Hölderlin e levada adiante por Goethe e Benjamin, entre outros, e que se faz presente no contexto de teorização tradutória pós-estruturalista.

Palavras-chave: Tradução. História da tradução. Tradução bíblica. Rosenzweig, Franz.

O prolongamento da vida de um texto, através da exegese, é [...] também um processo de imortalidade simbólico. [...] se reinventamos a história para sempre, poderemos continuar a viver.

Michael Fishbane

Introdução

Tenho por objetivos neste artigo fornecer uma visualização do lugar das traduções da *Bíblia* em importantes contextos culturais e desvelar a faceta de tradutor de Franz Rosenzweig (1886-1929), filósofo judaico-alemão, avaliando seus posicionamentos teóricos e práticos a partir da tradição de tradução presente na Alemanha, principalmente.

O levantamento da trajetória dos textos das Escrituras em diferentes contextos lingüísticos e culturais, tais como os aqui abordados – grego, latino, inglês e alemão – permite que se afirme, juntamente com André Lefevere (1995), que a história da tradução está intrinsecamente vinculada à história da tradução da *Bíblia*. Por outro lado, a possibilidade de avaliar a postura e a prática tradutórias de Franz Rosenzweig contra o cenário das principais traduções que precederam as que ele realizou em parceria com Martin Buber amplia a sua importância, pois mostra o quanto o mesmo antecipa as principais concepções sobre tradução desenvolvidas no contexto contemporâneo, fundamentalmente após a virada cultural acontecida no seio dos estudos da tradução, na década de 70 do século XX.

A Septuaginta

A *Septuaginta*, ou LXX, redigida em grego, foi o nome recebido pela primeira tradução interlingual de toda a *Bíblia* hebraica. Essa tradução, produzida no século III a. C., a pedido do Rei Ptolomeu II, teve por objetivo atender aos desejos da diáspora judaica em Alexandria, no Egito, que, na época, constituía um terço da população local e suplantava o número de judeus que viviam em Jerusalém. A *Septuaginta* incorporou aos textos da *Bíblia* hebraica sete outros (os livros de *Tobias*, *Judite*, *Baruc*, *Eclesiástico* ou *Sirácida*, *1 e 2 Macabeus* e o *Livro da Sabedoria*, além de fragmentos dos livros de *Ester* e de *Daniel*), que não faziam parte do cânone estabelecido pelos judeus da Palestina e nem vieram a fazê-lo quando, já na era cristã, a canonização de seu *Antigo Testamento* foi referendada. A versão do *Antigo Testamento*, tal como apresentada na *Septuaginta*, foi adotada pela Igreja católica e, quando Martinho Lutero fundou o protestantismo como uma dissidência dessa Igreja, ele desprezou esses textos e adotou um *Antigo Testamento* semelhante ao dos judeus da Palestina.

O nome *Septuaginta* é freqüentemente atribuído à lenda de que tal tradução teria sido produzida por setenta e dois intelectuais que, de acordo com a tradição, foram conduzidos da Palestina para a ilha de Paros, a fim de realizarem o seu trabalho, coincidentemente concluído em setenta e dois dias. De acordo com relatos presentes no

Talmude, tal texto teria sido produzido exatamente por setenta sábios que, apesar de terem trabalhado em ambientes diferentes, produziram traduções idênticas. Por outro lado, a história fornece uma versão diferente, qual seja, a de que a tradução completa da *Bíblia* hebraica para o grego foi realizada entre os anos 250 e 175 a. C., tendo sido concluída, portanto, em setenta e cinco anos.

A *Septuaginta* deu origem ao primeiro texto teórico sobre tradução de que se tem notícia, escrito no século II a. C. por Aristeas, um judeu de Alexandria, que, ao desvelar a maneira pela qual os trabalhos de tradução da *Bíblia* foram realizados, não apenas forneceu autenticidade e autoridade a essa atividade de transposição linguística, como também serviu de elemento divulgador da cultura literária e religiosa dos judeus no seio de uma comunidade politicamente dominada pelos gregos. Esse texto, conhecido pelo nome de *Carta de Aristeas*, apesar de se tratar muito mais de uma narração do que de uma epístola, serviu também para o estabelecimento de padrões e metodologias para a tradução de textos religiosos em geral. A partir da *Carta de Aristeas* surgiram outros trabalhos que, da mesma forma, procuraram recontar a história da primeira tradução interlingual da *Bíblia* e a ela forneceram a autoridade possuída pelo original, destacando-se, nesse sentido, o texto de Fílon, o Judeu, um filósofo neoplatônico que teria vivido em Alexandria, entre 50 a. C. e 50 d. C.

A menção dos nomes de Aristeas e Fílon e de seus trabalhos torna-se relevante para fins deste artigo por vários motivos. Em primeiro lugar, ambos, vivendo em Alexandria, transitavam, como viriam a transitar Franz Rosenzweig, Walter Benjamin, Jacques Derrida e outros intelectuais de origem judaica que praticaram e teorizaram sobre a tradução, entre duas línguas e culturas diferentes; no caso de Aristeas e Fílon, as línguas e culturas grega e hebraica. Em segundo lugar, tanto Aristeas quanto Fílon vislumbraram a *Septuaginta* como um elemento de ligação entre os judeus exilados em Alexandria e a cultura hebraica em sua forma original, como viria a acontecer com Rosenzweig, ao justificar o motivo de vir a se dedicar, juntamente com Martin Buber, à tradução da *Bíblia* hebraica para o alemão. Em terceiro lugar, Aristeas e Fílon defenderam a tradução literal como sendo a única apropriada aos textos sagrados, como viriam a fazer Rosenzweig e Benjamin. Finalmente, Fílon, ao alegar que os tradutores, intérpretes de Deus, alcançariam sucesso quando o seu trabalho, conduzido não só pelos parâmetros da literalidade, mas também pela inspiração divina, estabelecesse com o original uma harmonia tal que ambos seriam vistos como irmãos, aproximou-se de posicionamentos que, nos dias de hoje, são conhecidos como "benjaminianos".

Embora traduzida para a comunidade de judeus existentes em Alexandria, a *Septuaginta* tornou-se a *Bíblia* da ortodoxia ocidental e, desse modo, adquiriu um caráter mais cristão do que judaico. Assim sendo, foi pensando naqueles judeus que queriam permanecer fiéis às palavras do *Antigo Testamento* que Aquila de Pontos, um judeu convertido para o grego, produziu uma nova tradução da *Bíblia*, dessa

feita pautando-se nos parâmetros da literalidade. Por outro lado, a *Septuaginta* tornou-se base para traduções futuras para línguas tais como o latim antigo, o cóptico, o armênio, o georgiano e o esloveno, fornecendo evidências para o fato de que textos que começam suas carreiras como traduções nem sempre permanecem desse modo, podendo ser considerados como fundamentais à história de uma cultura (LEFEVERE, 1995, p. 14). A primeira tradução da *Bíblia* para a língua latina, a *Antiga Versão Latina*, composta ente 150 e 250 d. C., foi traduzida a partir da *Septuaginta*.

A *Vulgata*

O auge da tradução da *Bíblia* aconteceu a partir do crescimento do cristianismo, quando as Escrituras Sagradas, principalmente os textos do *Novo Testamento*, passaram a ser traduzidos idiomáticamente. Entre as traduções então realizadas, a *Vulgata*, feita para o latim por São Jerônimo, o patrono dos tradutores, merece destaque, pois veio a se tornar o ponto de partida para inúmeras outras traduções que tiveram por objetivo a evangelização de novos povos, o que permite que se conclua que o latim, a partir de então, substituiu o hebraico e o grego como língua original dos textos bíblicos. Desde o Concílio de Trento, em 1546, até recentemente, a *Vulgata* foi considerada a única *Bíblia* oficial da Igreja Católica Romana. Além disso, foi esse o primeiro texto ao qual Gutenberg forneceu, em 1455, uma versão impressa.

Enquanto os textos do *Antigo Testamento* foram traduzidos por São Jerônimo diretamente da língua hebraica, os textos do *Novo Testamento* sofreram revisões a partir de traduções latinas que deles já tinham sido feitas, como a *Antiga Versão Latina*. Apenas ocasionalmente, São Jerônimo se valeu dos originais em grego para a produção da *Vulgata*, um nome que surgiu somente no século XVI. Um rico material de consulta para São Jerônimo foi a *Hexapla*, de Orígenes, que, ainda no século III d. C., fez publicar o texto bíblico em hebraico juntamente com cinco colunas contendo uma transliteração desse texto em grego e quatro versões da *Bíblia*, também em língua grega: a de Aquila, a de Símaco, a de Teodósio e a sua própria versão corrigida da *Septuaginta*.

Ao mesmo tempo em que reivindicou que os textos em geral fossem traduzidos idiomáticamente, São Jerônimo reconheceu que a tradução de textos bíblicos não deveria se pautar pelos parâmetros da liberdade e sim se fazer, desse modo, literal. No entanto, um estudo dos textos que compõem a *Vulgata* permite que se perceba a existência de incoerências por parte de São Jerônimo na aplicação de seus pensamentos, sendo possível, pois, identificar adições de palavras para fins de clareza, criação de neologismos, omissões ou substituições de palavras e expressões que se repetiam no texto em hebraico e ausência de uma musicalidade que, apesar das especificidades de cada língua, ainda podia ser encontrada, por exemplo, na *Septuaginta*.

Apesar de ter sido submetida a uma série de modificações ao longo dos tempos, a *Vulgata* não só deu origem a outros tantos textos

em francês, alemão, italiano, espanhol e inglês, como também, conforme afirmado anteriormente, permaneceu como a *Bíblia* oficial da Igreja católica até a reforma protestante, quando os estudiosos, de modo geral, voltaram-se para os textos originais em hebraico e grego.

As Bíblias inglesas

As primeiras traduções da *Bíblia* para a língua inglesa foram realizadas a partir da *Vulgata*. No entanto, apesar de terem contribuído para a formação dessa língua, seus autores e/ou organizadores foram criticados e, até mesmo, ameaçados de serem queimados na fogueira pelo clero local, que desaprovava tais traduções, todas em vernáculo, por permitirem que membros do povo tivessem acesso a textos que, acreditavam eles, haviam sido escritos para o círculo restrito de clérigos e doutores da Igreja. Entre essas traduções destaca-se a organizada por John Wycliffe, realizada entre 1380 e 1384. John Purvey, tradutor de parte do *Novo Testamento* da *Bíblia* de Wycliffe, chegou a ser feito prisioneiro, tendo escapado de morrer queimado ao renunciar aos princípios de Wycliffe, que, mesmo depois de morto, teve seus ossos desenterrados, queimados e lançados a um rio.

No século XVI, quando Martinho Lutero iniciou na Alemanha o movimento da reforma que viria a dar origem ao protestantismo, a Inglaterra encontrou em William Tyndale o principal porta-voz da reivindicação primeira do referido movimento, qual seja, a de que era necessário propiciar acesso indiscriminado aos textos das Escrituras Sagradas, não mais através do latim da *Vulgata*, mas sim de traduções que tomassem o hebraico e o grego como línguas de partida. Portanto, conforme será visto mais adiante, assim como Lutero forneceu ao povo alemão uma tradução da *Bíblia* em uma linguagem acessível ao mais humilde de seus membros, valendo-se, para tanto, não só dos textos em hebraico e grego, como também da edição do *Novo Testamento* que Erasmo de Roterdã fez publicar em grego e latim, e da própria *Vulgata*, Tyndale, em 1524, dirigiu-se para a Alemanha, para estar a salvo de perseguições, e traduziu para o inglês vernacular o *Novo Testamento*, tendo por base o mesmo texto publicado por Erasmo que Lutero utilizara. A despeito da intensa oposição que seu trabalho, sua pessoa e aqueles que compartilhavam suas idéias vinham sofrendo por parte da Igreja na Inglaterra, representada principalmente pelo Cardeal Wolsey e por Sir Thomas More, Tyndale continuou a traduzir a *Bíblia*, sem perder de vista os objetivos reformistas. Quando preso por heresia para vir a ser enforcado e queimado em 1536, Tyndale já havia traduzido o *Pentateuco*, *Jonas* e o *Segundo Livro de Crônicas*.

Apesar dos percalços pelos quais passou durante o período em que foi escrita e publicada, a *Bíblia* de Tyndale foi o ponto de contacto das diversas traduções que lhe seguiram com as línguas do *Antigo* e do *Novo Testamentos*. Com a exceção da *Rheims-Douai Bible* (cujos *Novo Testamento* e o *Antigo Testamento* foram publicados em 1582 e em 1609, respectivamente) que, traduzida para a comunidade católica inglesa,

utilizou a *Vulgata* como texto original, todas as demais publicadas na Inglaterra, a de Coverdale (1535), a *Great Bible* (1539), a *Geneva Bible* (1560), a *Bishops' Bible* (1568) e a *King James Version* ou *Authorized Version* (1611), em maior em menor escala, valeram-se da tradução de Tyndale.

A *King James Version*, contemporânea das poesias metafísicas, foi fruto de um esforço de quarenta e sete intelectuais que, a pedido do Rei James I, reuniram-se no sentido de realizarem uma nova tradução da *Bíblia* a partir de suas línguas originais. No entanto, o resultado desse esforço foi, de fato, uma revisão da *Bishops' Bible* que, por sua vez, fundamentara-se na tradução de Tyndale, que, no tocante aos textos do *Antigo Testamento*, conforme já afirmado, utilizara os textos tais como originalmente codificados. Segundo Barnstone (1993, p. 211, tradução nossa):

Existe uma ironia monumental na noção de que a mais famosa tradução do mundo, a *Bíblia* do Rei James, que também constitui a *Bíblia* mais conhecida do mundo e o livro que foi submetido ao maior número de impressões nos últimos quatro séculos, não é, no uso corrente, uma tradução. Ela é uma revisão de traduções inglesas anteriores, em grande parte uma reordenação intralingual de textos mais antigos, com alguma referência a fontes hebraicas, gregas e latinas.

A despeito de se caracterizar mais como uma revisão do que como uma tradução, tal *Bíblia* veio a exercer grande influência sobre a língua e a literatura dos povos inglês e americano nos séculos XVII, XVIII e XIX e se tornou, no início do século XVIII, a *Bíblia* protestante dos povos de língua inglesa. Em 1885, foi publicada, na Inglaterra, uma revisão da *King James Version*, o mesmo acontecendo em 1901, nos Estados Unidos da América. Respectivamente em 1946 e 1952 estudiosos americanos fizeram publicar revisões do *Novo* e do *Antigo Testamentos*.

As Bíblias alemãs

Passo a apresentar agora os principais momentos da história da tradução da *Bíblia* na Alemanha, que culminou com as traduções feitas por Franz Rosenzweig e Martin Buber. Dessa forma, apresentarei os posicionamentos que conduziram Lutero à tradução da *Bíblia*, as características de seu trabalho e a sua importância no contexto alemão. Além disso, pretendo mostrar que a preocupação de encontrar um espaço para que os judeus da Alemanha pudessem ser fiéis às tradições de seus ancestrais e às do país que escolheram para viver, que conduziu Rosenzweig e Buber ao trabalho conjunto de tradução da *Bíblia* hebraica, já havia redundado em uma tradução de parte desse Livro, o *Pentateuco*, por Moses Mendelsohn (1729-1786), filósofo judaico-alemão, considerado o pai da *Haskalá*, o movimento iluminista judaico, ocorrido no século XVIII.

As bíblias de M. Lutero e M. Mendelssohn

As diversas traduções da *Bíblia* para a língua alemã, que se iniciaram no final do século XI e se prolongaram até o século XVI, quando foi publicada a tradução de Martinho Lutero (1522-34), além de terem contribuído para a instauração de uma tradição de tradução nesse contexto, contribuíram, também, para a sedimentação da língua alemã, em termos gerais, e para o estabelecimento da linguagem da ética e de uma terminologia eclesiástico-cristã (KITTEL; POLTERMANN, 1998, p. 421).

No entanto, mais dos que quaisquer outras, a *Bíblia* de Martinho Lutero, embora não tenha sido a primeira a ser realizada para a língua alemã, foi elemento decisivo na formação e normalização do moderno alto alemão. Ademais, ela contribuiu para a difusão da idéia de que as atividades de tradução, em termos gerais, seriam um dos principais fatores responsáveis pelo desenvolvimento lingüístico e cultural de uma nação, idéia essa que passou a percorrer os contextos lingüístico e filosófico alemães, sendo encontrada não apenas em Rosenzweig, como também em Hölderlin, Goethe e Benjamin, entre outros.

A importância da tradução de Lutero pode ser imputada à conjunção de quatro fatores: o objetivo com que foi produzida, as línguas de partida de que se utilizou, o registro de língua escolhido para compor o texto em alemão e o meio do qual se valeu para se fazer circular. Uma das forças que impulsionaram o surgimento da reforma protestante foi a necessidade sentida por seus líderes – que lingüística e politicamente não estavam circunscritos ao domínio de Roma e da língua latina – de fornecerem “à mãe em casa, às crianças na rua, às pessoas comuns no mercado” (LUTHER, 1995, p. 10)¹ acesso às palavras das Escrituras através de traduções que lhes falassem mais proximamente, em termos tanto lingüísticos quanto culturais. Assim como o latim tinha a sua *Vulgata*, povos como o alemão e o inglês necessitavam de uma *Bíblia* que incorporasse as expressões de uso diário e as construções sintáticas simples de um povo pouco letrado e que, desse modo, pudesse ser lida fluentemente pelas comunidades laicas. Para que pudesse refletir claramente o seu desejo de desvinculação dos ideais católicos romanos, Lutero declarou ter utilizado textos em hebraico e grego como as principais fontes para a sua tradução. Por outro lado, para que o seu objetivo doutrinário fosse cumprido, nada melhor do que fazer publicar a sua *Bíblia* em série, através dos recursos fornecidos pela recente invenção de Gutenberg.

A utilização de textos escritos nas línguas em que a *Bíblia* havia sido originalmente codificada era primordial para Lutero do ponto de vista não só político, como também filológico. No seu entender, era necessário que a mensagem bíblica não mais se prendesse a um sentido moldado pela tradução latina de São Jerônimo e que, desse modo, o verdadeiro sentido das Escrituras fosse pesquisado também a partir do hebraico e do grego. Mesmo assim, Lutero utilizou a *Vulgata* como fonte de consulta para a realização de sua tradução.

¹ As citações que faço dos textos de Lutero são minhas traduções de uma versão inglesa do texto original.

Diante de seus propósitos, Lutero não poderia deixar de adotar procedimentos de tradução livre, que lhe permitissem moldar o texto original aos idiomatismos da língua alemã. O literalismo, desse modo, foi freqüentemente repellido, principalmente com relação à *Vulgata*, pois, como ele próprio reconheceu, a literalidade ao latim seria “*uma grande barreira à maneira de se falar o alemão correto*” (LUTHER, 1995, p. 11). Por outro lado, houve momentos em que traduções literais se fizeram necessárias, “*no entanto, eu não apenas segui em frente, ignorando a distribuição exata das palavras no original. Ao contrário, com grande cuidado, eu e meus colaboradores fomos adiante e nos mantivemos literais ao original, sem qualquer desvio sequer, sempre que uma passagem pareceu ser crucial*” (LUTHER, 1995, p. 13).

As palavras de Lutero, acima transcritas, presentes em texto datado de 1530, *Sendbrief von Dolmetschen* (*An Open Letter on Translation*, título da tradução para a língua inglesa), contribuíram para fornecer à sua tradução uma autoridade semelhante à que os textos de Aristéas e Filon haviam fornecido à *Septuaginta*. Desse modo, quando Rosenzweig concordou em se aliar a Buber na tarefa de traduzir a *Bíblia* hebraica para o alemão, ele acreditava que o trabalho mais árduo seria o de correção de algumas distorções em que Lutero teria incorrido em sua tradução seminal². No entanto, apesar do discurso de Lutero a respeito de sua preocupação com os recursos formais encontrados no texto bíblico e da sua reivindicação de que, em se tratando de textos da *Bíblia*, a gramática não deveria governar o sentido, a sua tradução apresentava falhas, pois, com freqüência, tomava como texto de partida a *Vulgata*, que, por sua vez, resultara de um trabalho fundamentado na idéia de que o sentido do texto bíblico deveria ter prioridade sobre a sua forma.

Com relação à tradução do *Pentateuco*, feita por Moses Mendelssohn, pode-se dizer que a mesma surgiu em um momento significativo para a história do povo judaico da Alemanha, momento esse em que os judeus começavam a se emancipar e, desse modo, precisavam definir o tipo de postura que viriam a adotar tanto diante do judaísmo clássico, que os havia mantido unidos nos guetos, quanto em relação à sociedade alemã. Mendelssohn, nesse sentido, procurou “*encontrar o equilíbrio correto entre o forte compromisso judaico e a necessária acomodação que o judeu tem de fazer a fim de se sentir em casa na cultura e na civilização ocidentais*” (JACOBS, 1995, p. 341, tradução nossa).

A tradução de Mendelssohn fez-se acompanhar de comentários de cunho racionalista, de estilo kantiano, realizados em hebraico, pelos *maskilim*, pessoas que, como ele, defendiam os ensinamentos da filosofia iluminista judaica. Tais comentários receberam o nome de *Biur*. Enquanto, através da tradução, os judeus da Alemanha puderam adquirir conhecimentos a respeito da língua alemã, eles, através dos comentários, tiveram acesso a uma interpretação literal dos textos bíblicos, diferente, portanto, dos *Midrashim*³ aos quais estavam

² A constatação de que a tradução feita por Martinho Lutero teria sido o ponto de partida para o trabalho de Rosenzweig e Buber vem ao encontro da afirmação de Antoine Berman de que “Desde Lutero, nenhuma tradução de uma obra estrangeira e de uma língua estrangeira pode ser realizada sem alguma referência à sua tradução da Bíblia, mesmo que seja apenas para desconsiderar os seus princípios e tentar ultrapassá-los” (BERMAN, 1992, p. 32).

³ Exegeses bíblicas feitas pelos rabinos antigos.

acostumados, mas próxima de um tipo de interpretação desenvolvida por comentadores medievais judaicos.

Com o passar dos tempos, a tradução de Mendelssohn e seus comentários foram rejeitados por uma grande parte da comunidade judaica alemã, uma vez que se começou a perceber que o que deveria ser uma tentativa de renovar o estudo da *Torá* com contribuições do saber secular tornou-se uma tentativa de transformação do judaísmo em função da prevalência de tal saber. Nesse sentido, o iluminismo judaico na Alemanha foi percebido como "*uma versão moderna da velha luta entre o judaísmo e helenismo*" (JACOBS, 1995, p. 225, tradução nossa).

Uma análise do modelo de convivência entre judeus e não judeus na Alemanha, proposto por Mendelssohn, poderia conduzir à conclusão de existência de uma semelhança entre o seu pensamento e o de Rosenzweig. No entanto, enquanto Rosenzweig envidou esforços para levar o judeu alemão de volta às tradições judaicas e, nesse sentido, traduziu literalmente os textos bíblicos, Mendelssohn almejou colocar os judeus em sintonia com os avanços da cultura secular e, assim sendo, produziu traduções idiomáticas do *Pentateuco*, interrompendo a tradição de literalidade na tradução das Escrituras no contexto judaico, tradição essa que seria retomada somente no início do século XX, justamente por Rosenzweig e Buber.

As traduções bíblicas de F. Rosenzweig e M. Buber

Em texto escrito em 1917, Franz Rosenzweig, reconhecendo a impossibilidade de tradução de textos religiosos escritos em hebraico, advogou a necessidade de que esses textos fossem lidos no original (ROSENZWEIG, 1955, p. 30). Talvez tenha sido esse um dos principais motivos que o levaram a relutar em aceitar o convite feito por Martin Buber para que ambos se juntassem no sentido de traduzirem o *Antigo Testamento* diretamente do hebraico para o alemão. No entanto, tendo aceito tal convite, Rosenzweig afirmou ter conseguido encontrar o seu lugar, trabalhando e vivendo nas línguas hebraica e alemã, ou, mais precisamente, entre elas. São suas as palavras que se seguem: "*Sou muito grato a Buber por ter tornado possível a mim trabalhar e viver nas duas línguas que amo*" (ROSENZWEIG, 1953, p. 162, tradução nossa).

Embora a produção tradutória de Rosenzweig, que se resumia à tradução de poemas e hinos escritos por Jehuda Halevi, poeta da idade de ouro espanhola, fosse pouco significativa em termos quantitativos, Buber a considerava de alta qualidade. Foi exatamente esse o principal motivo que o levou a pensar em Rosenzweig para ser seu parceiro, quando Lambert Schneider, um jovem alemão, chamou-o para produzir uma edição ou adaptação de uma tradução anterior ou uma nova tradução do *Antigo Testamento*, com a finalidade de, com esse material, inaugurar a sua editora. O convite feito por Buber transformou-se para Rosenzweig em um desafio, pois ele já considerava as traduções de Halevi o último trabalho de alta qualidade que teria feito. Um motivo além para que Buber não abrisse mão da colaboração de Rosenzweig na tradução da *Bíblia* hebraica foi a

coerência existente em seu trabalho intelectual, principalmente no que diz respeito à sua filosofia, à sua concepção filosófica da linguagem, à sua visão da tradução e à sua prática tradutória.

As posturas tradutórias de Rosenzweig

A tradução de Martinho Lutero da *Bíblia* foi durante quatro séculos o principal meio de acesso dos alemães e da maior parte dos judeus-alemães à história e à concepção de mundo do povo hebraico. No entanto, como mencionado anteriormente, Lutero valera-se de uma tradição cristã para abordar não apenas os textos do *Novo Testamento* como também os textos do *Antigo Testamento*. Desse modo, quando Rosenzweig e Buber se lançaram à tradução da *Bíblia* hebraica para o alemão eles tinham por objetivo realizar uma tradução inovadora, capaz de “forjar o alemão da tradução em uma forma que o permitiria falar em voz hebraica” (FOX, 1989, p. 372, tradução nossa).

O texto bíblico original tinha para Rosenzweig e Buber peculiaridades cuja presença se fazia imperativa na tradução para a língua alemã, sendo elas: um ritmo, uma musicalidade, enfim, uma respiração própria; uma repetição proposital de vocábulos e expressões para entrelaçar pensamentos e textos, e, além disso, um caráter alusivo, historicamente localizado.

Para dar conta dessa primeira peculiaridade, Buber, com a total aquiescência de Rosenzweig, decidiu dividir o texto em unidades mínimas de tradução que ele chamou de *cola*, unidades correspondentes às respirações do falante (BUBER, 1994a, p. 217). Segundo ele, uma tradução colométrica “dá ao texto a sua divisão natural em linhas de sentido, uma vez que essas são determinadas pelas leis da respiração humana e do discurso humano, com cada uma das linhas constituindo uma unidade rítmica” (BUBER, 1994c, p. 170, tradução nossa). Rosenzweig, que já havia traduzido as poesias e hinos de Halevi tendo em mente o fato de que eles haviam sido escritos com a finalidade de serem lidos, como o texto bíblico o fora, afirmou:

A respiração é a essência do discurso; a parada para respiração é, portanto, a segmentação natural do discurso. Ela está sujeita à sua própria lei: de que não devemos falar mais do que vinte, no máximo trinta palavras, sem respirar profundamente (e não apenas tomar fôlego) – freqüentemente, de fato, podemos dizer apenas de cinco a dez palavras. Mas dentro do limite de distribuição de silêncios para renovação da respiração segue a ordem interna do discurso, que é ocasionalmente determinada por sua estrutura lógica, e que em sua maior parte espelha diretamente os movimentos e o despertar da própria alma em suas gradações de energia e, sobretudo, em suas gradações de tempo (ROSENZWEIG, 1994b, p. 43, tradução nossa).

Para que pudessem inserir o ritmo, a musicalidade e a respiração da língua hebraica na língua alemã, Rosenzweig e Buber realizaram um trabalho hercúleo, que representou, como Rosenzweig o disse,

“quebrar ‘a qualquer custo’ as correntes que prendem o alemão escrito [...] em amarras de silêncio, isto é, as correntes da pontuação, e, portanto, liberar as amarras da língua do leitor por meio dos olhos do leitor” (BUBER, 1994a, p. 217, tradução nossa).

Com relação à segunda das peculiaridades mencionadas, Rosenzweig e Buber defenderam o ponto de vista de que as repetições presentes no texto bíblico, a que deram o nome de *leitwört*, que lembra o termo *leitmotif*, utilizado no contexto operístico-musical, deveriam estar também presentes no texto traduzido. No entanto, em várias ocasiões, não lhes foi possível ser consistentes com o princípio estabelecido, tendo Buber chegado a afirmar que:

[...] onde necessário e apropriado [o tradutor] reproduzirá uma única família de palavras hebraica por uma única alemã, não uma por muitas ou muitas por uma. ‘Onde necessário’, uma vez que, com palavras às quais é dada pouca ou nenhuma ênfase mental, este princípio pode ser suavizado ou anulado [...]. E ‘onde necessário’, uma vez que geralmente as condições especiais de uma passagem imporão a obrigação de tratá-la como uma exceção. Todo tradutor está sujeito a duas leis, que parecem se contradizerem em determinadas ocasiões: a lei de uma língua e a lei de outra. Os tradutores da *Bíblia* estão sujeitos a um segundo par de leis: a lei proveniente da reivindicação peculiar da passagem individual e aquela que remete à lei da totalidade bíblica (BUBER, 1994b, p. 92, tradução nossa).

Finalmente, para que pudessem deixar transparecer o jogo alusivo – intertextual e intratextual – presente no texto bíblico, Rosenzweig e Buber inseriram o comentário na sua tradução e, assim como haviam utilizado o hebraico, língua primeva, como língua de partida, utilizaram os vocábulos alemães em suas acepções mais remotas e garimpavam palavras que há muito já não eram utilizadas. Se antes a tradição alemã era representada, fundamentalmente, pela tradução que Lutero havia feito da *Bíblia*, naquele momento Rosenzweig e Buber ambicionaram criar para a comunidade de judeus da Alemanha uma nova tradição, construir, como disse Klaus Reichert, uma memória (REICHERT, 1996, p. 176).

O reconhecimento de que a força da linguagem residiria na sua flexibilidade, na sua capacidade de se moldar a sistemas lingüísticos diferentes, manifestado nos comentários às traduções dos poemas e hinos de Halevi, ocasião em que ele afirmara acreditar que “a tarefa da tradução é [...] totalmente mal-entendida quando é vista como uma germanização do estrangeiro” (ROSENZWEIG, 1998, p. 2), conduziu Rosenzweig a procurar expandir a língua da tradução a partir da língua do original, a hebraizar o alemão. Conseqüentemente, uma vez identificadas as peculiaridades do texto da *Bíblia* hebraica que deveriam se fazer presentes nos textos que produziram em alemão, Rosenzweig, com a aquiescência de Buber, não poderia seguir outra alternativa a não ser a oferecida pelos parâmetros norteadores da

tradução literal e, portanto, inserir-se em uma tradição inaugurada por Lutero, praticada por Friedrich Hölderlin nas traduções que realizara de Píndaro e Sófocles e defendida por Goethe e românticos alemães do calibre de Herder, Schleiermacher e Humboldt.

Do mesmo modo em que as traduções literais para o alemão anteriores às de Rosenzweig e Buber assim se constituíram – em função da necessidade de sedimentação da língua, da cultura e da literatura alemãs – as traduções desses parceiros se fizeram literais porque assim o exigiu o momento histórico no qual elas surgiram, um momento em que a comunidade de judeus na Alemanha foi colocada diante de um impasse: o retorno à terra de seus ancestrais, o Sião, ou a assimilação definitiva. Assim como oferecera a essa comunidade uma posição intermediária em termos filosóficos: a permanência na Alemanha e um retorno espiritual às fontes do judaísmo clássico, Rosenzweig realizou suas traduções dentro do mesmo objetivo, qual seja, o de congregar as tradições lingüísticas e culturais do hebraico e do alemão. Portanto, assim como Hölderlin congregara as peculiaridades do dialeto suábio à sonoridade, ao ritmo, à estrutura e à etimologia do grego e renovara a sua própria língua à luz da tradição da língua estrangeira, pode-se dizer, parodiando Berman a respeito de Hölderlin, que Rosenzweig, apoiado por Buber, propôs-se a fazer de suas traduções o ponto de encontro – de choque e de fusão – das tradições das culturas alemã e judaica, além de ter apontado para a existência de um ponto em que “*a delimitação das línguas margeia a confusão das línguas*” (BERMAN, 1992, p. 168, tradução nossa).

Ambos, Hölderlin e Rosenzweig, cada um a seu tempo, cada um com seus próprios objetivos, cada um se utilizando de línguas de partida diferentes, imprimiram um caráter histórico às traduções realizadas. No entanto, o trabalho de Rosenzweig assumiu um caráter mais utópico do que o de Hölderlin, principalmente quando se tem em mente o contexto espacial e temporal em que foi realizado, pois as suas traduções tiveram por objetivo não apenas quebrar o monopólio do grego como língua de cultura, mas também oferecer uma outra possibilidade de abordagem do mundo, valendo-se de estruturas de pensamento fundadas no modo hebraico de interpretar e vivenciar as palavras e tradições das Escrituras. Pode-se, portanto, incluir Rosenzweig no rol dos intelectuais do início do século XX que tentaram alterar o curso do pêndulo medidor do tipo de pensamento prevacente no contexto ocidental, que, de acordo com Mathew Arnold (1994), oscilaria entre o helenismo e o hebraísmo. É somente no momento atual, quando os estudos literários ampliaram a sua abrangência, que se pode avaliar o quanto a tentativa de Rosenzweig de tornar o pensamento hebraico visível aos olhos do mundo ocidental não apenas se colocou como uma atitude pioneira em relação aos trabalhos de críticos da linguagem e da literatura tais como Harold Bloom e Jacques Derrida, como também aproximou-se dos modos de interpretação difundidos por Sigmund Freud.

Considerações finais

Espero que a abordagem panorâmica da história da tradução da *Bíblia* para importantes línguas ocidentais tenha contribuído para um entendimento mais abrangente da própria história da tradução, assim como fornecido uma medida do lugar ocupado pelas traduções feitas por Franz Rosenzweig de parte dos textos que a compõem.

A atividade tradutória de Rosenzweig teve por objetivo resgatar a tradição judaica, através da reconstrução da poeticidade do hebraico bíblico em língua alemã. A tensão espacial do dentro/fora, que marcou a vida do povo judaico em suas diásporas e veio a se fazer presente na teoria de crítica literária pós-estruturalista, refletiu-se na tradução da *Bíblia* realizada por Rosenzweig. Desse modo, ele dialogou com a tradição geral de tradução da *Bíblia* e com essa tradição no contexto alemão. Além disso, seu trabalho inseriu-se na tradição tradutória alemã, da qual fazem parte Hölderlin, Goethe, Schleiermacher, Novalis, os irmãos Schlegel e Benjamin, entre outros.

Abstract

I provide in this article, a panoramic view of aspects involving the main translations of the Bible into the Greek, Latin, English and German languages. After that, I deal with Franz Rosenzweig's thought on the translation of biblical texts, built on the undertaking of this task with Martin Buber. I also deal with some of the translation strategies he has used, which put him in tune with a translation practice that, in Germany, has been inaugurated by Hölderlin and undertaken by Goethe and Benjamin, among others, and that makes itself present in the post-structuralist translation theorization context.

Keywords: *Translation. History of translation. Bible translation. Rosenzweig, Franz.*

Referências

- ARNOLD, Matthew. Hebraism and hellenism. In: _____. *Culture and anarchy*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 86-96.
- BARNSTONE; Willis. *The poetics of translation: history, theory, practice*. New Haven: Yale University Press, 1993.
- BERMAN, Antoine. *The experience of the foreign: culture and translation in romantic Germany*. Translation of S. Heyvaert. Albany: State University of New York, 1992.
- BUBER, Martin. The How and Why of our Bible translation. In: BUBER, Martin; ROSENZWEIG, Franz. *Scripture and translation*. Translated by Lawrence Rosenwald, Everett Fox. Bloomington: Indiana University Press, p. 205-219, 1994a.
- _____. On translating the praisings. In: BUBER, Martin; ROSENZWEIG, Franz. *Scripture and translation*. Translated by Lawrence Rosenwald, Everett Fox. Bloomington: Indiana University Press, p. 90-98. 1994b.
- _____. A translation of the Bible. In: BUBER, Martin; ROSENZWEIG, Franz. *Scripture and translation*. Translated by Lawrence Rosenwald, Everett Fox. Bloomington: Indiana University Press, 1994c. p. 166-171.
- FISHBANE, Michael. *The garments of the Torah: essays in Biblical hermeneutics*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- FOX, Everett. Franz Rosenzweig as a Translator. *Leo Baeck Institute Year Book*, London, v. 34, p. 371-384, 1989.
- JACOBS, Louis. *The Jewish religion: a companion*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- KITTEL, Harald; POLTERMANN, Andreas. German tradition. In: BAKER, Mona (Ed.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. London: Routledge, 1998. p. 418-428.
- LEFEVERE, André. Translation: its genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. *Translation, history & culture*. London: Cassell, 1995. p. 14-28.
- LUTHER, Martin. *An open letter to translating*. Translated by Gary Mann. [S.l.: s.n.], 1995. Disponível em: <<http://www.malaspina.edu/~msneil/luther.htm>>.
- OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. *O pensamento tradutório judaico: Franz Rosenzweig em diálogo com Benjamin, Derrida e Haroldo de Campos*. 2000. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- REICHERT, Klaus. "It is time": The Buber-Rosenzweig Bible translation in context. In: BUDICK, Sanford; ISER, Wolfgang (Ed.). *The translatability of cultures: figurations of the space between*. Stanford: Stanford University Press, 1996. p. 169-185.

ROSENZWEIG, Franz. *Franz Rosenzweig: his life and his thought*. New York: Schocken Books, 1953.

_____. It is time: concerning the study of Judaism. In: _____. *On Jewish learning*. New York: Schocken Books, 1955. p. 27-54.

_____. *Observações sobre os hinos e poemas de Jehuda Halevi (1922/23)*. Tradução de Marie-Anne Kremer. [S.l.: s.n.], 1998. Mimeografado.

_____. Scripture and Luther. In: BUBER, Martin; ROSENZWEIG, Franz. *Scripture and translation*. Translated by Lawrence Rosenwald, Everett Fox. Bloomington: Indiana University Press, 1994a. p. 47-69.

_____. Scripture and word: on the new Bible translation. In: BUBER, Martin; ROSENZWEIG, Franz. *Scripture and translation*. Translated by Lawrence Rosenwald, Everett Fox. Bloomington: Indiana University Press, 1994b. p. 40-46.